

Voltaire e a escrita da História

Julio BENTIVOGLIO (UFG/CC)³¹

Falar de Voltaire implica recuperar o espírito do Iluminismo francês, época em que os *philosophes* se insurgiram contra o dogmatismo, a intolerância e os preconceitos arraigados numa sociedade submetida à férrea moral religiosa e ao absolutismo monárquico. Mas, longe de constituir um movimento uniforme e coerente, o Iluminismo surgiu em um contexto marcado por profundas transformações, abarca um conjunto diversificado de pensadores. Na Alemanha seus dois grandes expoentes são Kant e Herder, este último por sinal um crítico fervoroso de vários pensadores franceses. Na França, além de Voltaire, pode-se citar Diderot, D'Alembert e Rousseau como seus principais representantes.

É difícil definir satisfatoriamente o conceito de *Aufklärung* (Luzes, Esclarecimento), que somente em meados do século XIX parece ter adquirido a acepção de luzes, de Ilustração, na obra de Taine. A seu respeito dirá Kant:

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade auto-imposta. Menoridade é a incapacidade de usar seu próprio entendimento sem qualquer guia. Esta menoridade é auto-imposta se sua causa assenta-se não na falta de entendimento, mas na indecisão e falta de coragem de usar seu próprio pensamento sem qualquer guia. *Sapere aude!* (Ouse conhecer!). “Ter a coragem de usar o seu próprio entendimento” é, portanto, o *motto* do Esclarecimento. Preguiça e covardia são as razões de a maior parte da humanidade, de bom grado, viver como menor durante toda a sua vida, mesmo depois de a natureza a muito tempo ter livrado-a de guias externos (...) Nós encontramos restrições à liberdade em todo lugar. Mas qual restrição é nociva ao esclarecimento? Qual restrição é livre de erros e qual antecede o esclarecimento? Eu respondo: o uso *público* da razão deve ser livre todo o tempo e somente isso pode levar esclarecimento à humanidade.³²

Ao analisar a natureza do conhecimento histórico e o teor dos escritos sobre o passado, pode-se afirmar que Voltaire realiza proeza semelhante a Kant em sua definição do Iluminismo, pois em seu verbete História no *Dicionário Filosófico*, aquele pensador opera uma verdadeira revolução em torno deste campo do saber. Muito embora não pratique seus postulados fundamentais quando escreveu suas obras históricas³³, coube a Voltaire sinalizar um novo horizonte metodológico, afirmando a crítica das fontes e a exigência da prova documental, bem como destacando a importância da urdidura da narrativa, construindo reflexões basilares para o posterior desenvolvimento da filosofia da História, em especial, ao relacionar a investigação do passado com um sentido universal, sem se descuidar, contudo, da existência da diversidade de costumes entre os povos.

Para Reinhart Koselleck o absolutismo condicionou a gênese do Iluminismo e este fomentou as idéias para a Revolução Francesa.³⁴ Ou seja, o “Iluminismo propagou-se numa brecha que o Estado absolutista abriu para pôr fim à guerra civil”.³⁵ Ele representava o foro da moral interior. E “a jurisdição moral determinava a consciência política nascente”. Fomentando a crítica, e o exercício do pensamento livre, promoveu o surgimento dos críticos, que acreditavam estar acima dos partidos, que sua tarefa era estabelecer a verdade.³⁶ Voltaire foi um deles. Combateu pela liberdade de pensamento, pela tolerância, pela defesa da razão, da paz, da felicidade do homem e pelo fim das injustiças e da perseguição religiosa. Nietzsche o denominou maior libertador da humanidade. Dilthey reputava-o como o mais vivaz de todos os homens. Para Voltaire o cristianismo era uma superstição e o fanatismo um mal nocivo e perigoso. Embora não tenha sido exatamente um filósofo, com seus escritos François-

³¹ Professor adjunto do curso de História da UFG/CC.

³² KANT, I. *O que é esclarecimento*. Apud. CASSIRER, E. *O Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1996.

³³ Algo percebido por Marcos LOPES, por exemplo em *Voltaire historiador*. Campinas: Papirus, 2001.

³⁴ KOSELLECK, R. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999, p.13.

³⁵ Ibidem, p.38.

³⁶ “A verdade, que só pode ser encontrada amanhã, exime hoje o crítico de toda culpa. Assim, ao exercer sua atividade, o crítico ganhou liberdade, inocência e participação numa soberania que se situa acima dos partidos e, ao mesmo tempo, aponta para o futuro.” Ibidem, p.98.

Marie Arouet realizou uma síntese das principais idéias de sua época. Cunhou ainda o conceito *filosofia da história*, sendo o primeiro a utilizá-lo e a atribuir-lhe um sentido e uma consciência histórica.

Luiz Reginaldo Fortes dirá que, do “ponto de vista político, Voltaire é um reformista moderado e pragmático. A ‘liberdade’ e a ‘propriedade’ privada, uma sustentando a outra, são os dois pilares de sua política”.³⁷ Na verdade, nisso ele segue, rigorosamente, o pensamento de Locke. Além disso, pode-se dizer que ele foi um dos defensores do chamado despotismo esclarecido. Não obstante, Voltaire defendeu a idéia do pacto político pelo consentimento e o respeito à autoridade, embora questionasse seus excessos. Defendia que as instituições políticas deveriam ser regidas pelos costumes. Para ele, a liberdade é a não existência de constrangimentos para o pensamento e para a ação. Considerava o pensamento como um elixir revolucionário para sua época.

Para Marcos Lopes, embora tivesse intenções inovadoras, enquanto historiador, Voltaire era conservador: fez uma história tradicional, biográfica, de reis, de guerras e de política. Sem contar que descartou a mitologia como uma fonte de informações úteis aos estudiosos³⁸. Mas, ao contrário do que postula Lopes, vejo em Voltaire um esforço de maturidade que permitiu rever o modo como até então se escrevia a história. E mais, que ele tinha plena consciência de reproduzir modelos consagrados de escrita de História, visto ter em mente um público bastante específico: a nobreza. Isso não o impediu, contudo de inovar em questões de estilo e forma, dando a suas obras históricas um tratamento narrativo cuidadoso com toques dramáticos. Tanto *O ensaio sobre os costumes* quanto o verbete *História*, foram definitivamente concluídos anos depois de suas experiências como historiador. Assim, vejo que sua trajetória intelectual evidencia a passagem da redação de obras de história para um momento de teorização sobre a própria História. Desse modo, não teria ele condições de seguir seus postulados teórico-metodológicos – o *Ensaio* é de 1756 e o verbete de 1764 –, pois ele os elabora após redigir suas obras de história, todas elas num período entre 1735 e 1759. Em 1759 ele publicou sua *História do Império da Rússia* e, mais uma vez pesou o gosto do público a que se destinava sobre o formato da obra. Sua lucidez a esse respeito é lapidar: em 1745, como historiógrafo do rei, Voltaire já sabia que uma verdadeira história da França só poderia ser escrita fora da França. É como se constataste que os leitores condicionavam os limites e as possibilidades da escrita da História. Assim, um Voltaire historiador precedeu o Voltaire teórico da História. Outro detalhe, não se pode, também, acusá-lo daquilo que não tinha condições de fazer, como por exemplo compreender a trama e o envolvimento dos jesuítas no atentado de D. José I, em 1758, ou ainda o futuro da monarquia na França como deseja José Oscar de Almeida Marques³⁹.

No verbete História do *Dicionário Filosófico* descortina-se um Voltaire que teoriza sobre a História e sobre o modo de escrevê-la. Antes havia publicado obras históricas como *O século de Luís XIV* e a *História de Carlos XII*. No verbete ele realiza um sugestivo ensaio de crítica, cujo texto encerra ainda um caráter propositivo em torno da escrita da História. O *Dicionário Filosófico* foi a primeira obra de bolso da história, um livrinho que trazia alguns conceitos e palavras tomados aleatoriamente, cujas análises eram ao mesmo tempo bastante irônicas, críticas e bem-humoradas, cuja concepção nasceu em 1752⁴⁰ e publicação ocorreu em 1764. Era uma arma política, revestida sob a forma de dicionário. A ordem alfabética não corresponde a nenhuma preocupação de cunho enciclopédico, já que os verbetes são aleatórios. Panfletos brilhantes de extrema virulência em que a religião é o alvo principal. O *Dicionário* faz uma verdadeira síntese do pensamento iluminista francês. Não por acaso, pode-se mapear suas principais influências: a obra de Espinosa e o *dicionário* de Pierre Bayle. Para Josep Fontana, os iluministas franceses são todos herdeiros da obra de Bayle.⁴¹ Na verdade, Pierre Bayle preparou o arsenal de armas no século XVII para as gerações futuras com seu *Dictionnaire historique et critique* de 1695.

³⁷ FORTES, Luiz R. Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.43.

³⁸ LOPES, Marcos Antônio. *Voltaire historiador: uma introdução ao pensamento histórico na época do Iluminismo*. Campinas: Papirus, 2001.

³⁹ MARQUES, José Oscar de Almeida. Voltaire e um episódio da história de Portugal. *Mediações*. Revista de Ciências Sociais, v.9, n.2, 2004, p.37-52.

⁴⁰ CHAUÍ. Introdução. In: VOLTAIRE. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.VI.

⁴¹ FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Bauru: Edusc, 2004.

Voltaire caracteriza a História como uma “narração de fatos considerados verdadeiros”. Ou seja, o conhecimento histórico precisaria opor-se à fábula⁴² e tratar somente daquilo que realmente aconteceu, descartando a ficção. Nota-se aqui o caráter referencial deste saber, tema por demais atual em se tratando da Teoria da História. Em seguida ele separa, ironicamente, a História em dois tipos: sagrada e profana, criticando a primeira por constituir uma “seqüência de operações divinas e miraculosas com que aprouve a Deus guiar outrora a nação judaica e provar agora a nossa fé.”⁴³ Mas, embora valorizasse a história profana, a respeito dela diagnostica: “os anais de todas as nações modernas não são menos fabulosos. As coisas prodigiosas e improváveis devem ser relatadas algumas vezes como prova da credulidade humana — pertencem à história das opiniões e das tolices, mas seu campo é vasto”⁴⁴. Ou seja, no momento em que começam a surgir as chamadas histórias nacionais, Voltaire percebe o quanto elas reproduzem idéias fantasiosas, grosso modo, relacionadas com a origem das nações. Insiste na necessidade de provas, de testemunhos verdadeiros. Aponta que desde os gregos era comum preencher-se com fatos fabulosos o passado mais remoto. Sua primeira regra para a escrita da história, portanto, reside na busca de fatos comprováveis. Outra trata da atualidade da narrativa histórica, pois Voltaire afirma que toda história é recente, assinalando que a motivação inicial dos historiadores parte sempre sua própria realidade, indicando tal aspecto como uma condicionante presente nas narrativas históricas. Duas máximas posteriormente tratadas por diferentes historiadores, sobretudo Michelet, Ranke e Bloch.

Quando fala que a história da Antigüidade está repleta de fábulas e afirma que quanto mais antigas as histórias, maior a probabilidade de enganos, Voltaire atribui com um dos fatores para esse fenômeno a debilidade da memória. Assim, distingue a memória, marcada pela imprecisão, da História, esta um conhecimento mais crível sobre o passado.

A história dos tempos anteriores só pode ser transmitida de memória e sabe-se como a lembrança das coisas passadas altera-se de geração para geração. As primeiras histórias foram escritas apenas pela imaginação. E cada povo inventou não somente sua própria origem, mas também a do mundo inteiro.⁴⁵

A respeito da utilidade da história, vai dizer que determinadas narrativas são úteis quando nos mostram “nossos deveres e direitos sem ter a aparência de nos querer ensiná-los”⁴⁶. Este também é outro tema recorrente nas reflexões teóricas, vide a importante contribuição de Jörn Rüsen. Levanta suspeitas acerca de certas pessoas que querem o retorno de costumes antigos. Talvez procurasse criticar determinados comportamentos religiosos, mas indica também como praticantes desse tipo de história alguns historiadores. Ele próprio inclina-se neste sentido ao postular que o século Luís XIV foi uma época de ouro da humanidade.

Ao tratar da certeza em História, dirá Voltaire que “toda certeza que não encontre uma demonstração matemática é uma simples probabilidade. A certeza histórica é dessa espécie.”⁴⁷ Tal afirmativa não implica, necessariamente, em uma concepção nomológica da história. Ela refere-se mais ao encadeamento lógico da narrativa, relacionando causas e conseqüências, do que à elucidação das leis naturais que regem o homem. Digo isto porque ele não considera a história natural como história. Para Voltaire o historiador precisa de provas. Precisa demonstrar por meio de testemunhos ou exemplos a verdade existente sobre o passado, acentuando seu caráter referencial. Tudo que for improvável e duvidoso, precisa ser comprovado para se tornar história ou descartado. Apenas o que é humano interessaria.

Sobre a máxima de Cícero “que o historiador não ouse dizer uma mentira nem esconder uma verdade”, Voltaire levanta alguns problemas, pois acredita que certas verdades não devem ser relatadas e condena os escritores *insolentes* que imprimem e vendem escândalos como se estivessem vendendo

⁴² Ibidem.

⁴³ VOLTAIRE. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.204.

⁴⁴ Ibidem, p.204.

⁴⁵ Ibidem, p.206.

⁴⁶ Ibidem, p.206.

⁴⁷ Ibidem, p.207.

peixe. Isso me recorda o fato de que a produção e o comércio de livros durante o Iluminismo tornaram-se um grande negócio, provocando a proliferação de toda sorte de textos.⁴⁸

Na última seção do texto, *Do método, da maneira de se escrever a história e do estilo*, Voltaire faz algumas sugestões aos historiadores. Mostra que cada historiador produz um determinado tipo de história, com um estilo e uma finalidade peculiares. Ou seja, escreve para um determinado público que se torna parte determinante na narrativa. Assim Tácito escreve para retratar tiranos, Políbio para dar lições de guerra, Dionísio para desenvolver as Antiguidades. Voltaire demonstra a exigência para o escritor moderno de mais detalhes, de fatos mais precisos e de se dar “mais atenção aos costumes, às leis, aos usos, ao comércio, às finanças, à agricultura à população.”⁴⁹ Mostra que a quantidade de depoimentos, de textos e testemunhos alongaram a estrada da história, tornando seu percurso mais penoso.⁵⁰

Menciona que para se escrever a história de um país estrangeiro, que a história da pátria não seja tomada como medida. Para se redigir a história da França não é necessário descrever a trajetória do Rio Sena, mas uma história da Ásia certamente exige um cuidado maior com a descrição geográfica, dos costumes, leis, usos, etc. Voltaire aproveita para criticar as histórias sobre a Índia “Temos vinte histórias dos estabelecimentos portugueses nas Índias, mas nenhuma nos dá a conhecer os governos desses países, as religiões, as antiguidades, os brâmanes, os discípulos de São João, os guebros”.⁵¹ Conclui que é importante saber que para se escrever a história de um rei, não se deve adotar o mesmo princípio de se escrever a história de um país ou do Novo Mundo, que não se deve escrever a história de uma aldeia como a história de um príncipe ou a história da França; afinal “há leis para escrever a história como há para todas as artes do espírito, mas, como nestas, naquela também há mais preceitos do que grandes artistas”⁵².

Uma das grandes contribuições de Voltaire para a escrita da história, como se pode ver, é a crítica que faz à história política e a valorização de uma história dos costumes, ou seja, em lugar de uma história tradicional marcada pelas descrições de reis e batalhas, ele defende uma história do espírito humano e de seus costumes nos diferentes povos.⁵³ Em uma carta redigida ao editor genebrino Jacob Venet diz

Olho a cronologia e as sucessões dos reis como meus guias, e não como o objetivo de meu trabalho. Este trabalho seria bem ingrato se me limitasse a querer aprender em que ano um príncipe indigno de sê-lo sucedeu a um príncipe bárbaro. Parece-me que lendo as histórias, que a terra não foi feita mais que para alguns soberanos e para aqueles que serviram as suas paixões; quase tudo o mais fica abandonado. Os historiadores assemelham-se, nisto, a alguns tiranos daqueles que nos falam; sacrificam o gênero humano a um só homem.⁵⁴

Sua obra *O século de Luís XIV*, publicada em 1751 em Berlim, fica aquém de sua posterior maturidade teórica e, embora Josep Fontana diga que “as anedotas sobre a corte parecem ocupar um lugar mais importante que os capítulos sobre as artes e as ciências”⁵⁵, Voltaire já se preocupava em retratar uma história de uma época ao tratar dos costumes na corte. Ali ele procurou proceder como um pintor retratando diversos quadros com as personagens em primeiro plano. Como um dramaturgo, elegia uma intriga, um segredo, uma confissão, dando-lhe quase a feição de um romance de capa e espada. Para esta obra buscou documentos, memórias e textos inéditos para compô-la.⁵⁶ Antes havia escrito a *História de Carlos XII*, como uma tragédia, disposta em cinco atos. Esta preocupação estilística, com a urdidura do enredo, com a refiguração do real e com a construção psicológica das personagens não deixa de ser inovadora e não deve ser menosprezada.

⁴⁸ DARNTON, Robert. *Os negócios do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁴⁹ VOLTAIRE, op. cit., p.208.

⁵⁰ Voltaire menciona que é mais fácil fazer uma coletânea de jornais que escrever história.

⁵¹ Voltaire, op. cit., p.209.

⁵² Ibidem, p.209.

⁵³ FONTANA, Josep. op. cit. p.65.

⁵⁴ VOLTAIRE. *Oeuvres complètes*. Paris: Furne, XI, p.448-9.

⁵⁵ FONTANA, J. op. cit., p.65.

⁵⁶ BOURDÉ, G & MARTIN, H. *As escolas históricas*, p.71

Para Voltaire a história servia para compreender o presente, o mundo em que se vivia. Sua perspectiva é evolucionista. Ele divide a história em quatro épocas, quatro grandes séculos : o da Grécia clássica, o de Roma Imperial, a Europa do Renascimento e o século de Luís XIV.⁵⁷ Sua história é também uma história das civilizações. Ao valorizar as idéias e a cultura, pode-se dizer que Voltaire é um dos precursores da história cultural⁵⁸, sem contar que defende a necessidade de erudição para os historiadores. Boa parte de suas pesquisas para confeccionar *O século de Luís XIV* foi feita na Biblioteca de Sênomes. E ele diz

Quero considerar aqui a história moderna, na qual não se encontram nem bonecas sedutoras nem cortesãos, nem bispos corroídos pelos ratos (...) É bom que existam arquivos sobre todos os assuntos, a fim de que possamos consultá-los conforme as necessidades; e eu contemplo agora livros imensos como dicionários. Mas após ter lido três ou quatro mil descrições de batalhas, e ter tomado conhecimento do conteúdo de algumas centenas de tratados, vi que nem por isso meus conhecimentos haviam se enriquecido. A única coisa que aprendi foram os acontecimentos.⁵⁹

Fica claro que seu projeto para a História implica na valorização do sujeito cognoscente e na crítica e análise dos fatos e testemunhos sobre o passado. Voltaire defendeu também a busca por novos temas e a consulta de documentos e testemunhos originais, bem como o recurso à uma cronologia precisa. Para Voltaire, é preciso ler a história como cidadão e como filósofo, para se evitar, como ocorre com frequência, que as paixões determinem as ações humanas.

Ao lançar os fundamentos de uma história universal, como se depreende de seu *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, publicado em 1756, este pensador exprimiu sua ambição de renovar o gênero histórico. Ali desmitifica o maravilhoso na Antigüidade e na Idade Média. No verbete *História* criticou a história feita pelos modernos, condenando a história de seus antecessores e seus contemporâneos⁶⁰. Pode-se dizer que Voltaire prenuncia os grandes mestres da história francesa, como Chateaubriand, Guizot e Michelet, que o chamava de *nosso mestre Voltaire*.

Referências Bibliográficas

- BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Lisboa: Europa-América, 1987.
- CASSIRER, E. *A filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1992.
- CAIRE-CABINET, Marie-Paule. *Introdução à historiografia*. Bauru: Edusc, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. Consultoria. In: *Voltaire*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).
- FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Bauru: Edusc, 2004.
- FORTES, Luiz R. Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Eduerj; Contraponto, 1999.
- LOPES, Marcos Antônio. *Voltaire historiador: uma introdução ao pensamento histórico na época do Iluminismo*. Campinas: Papyrus, 2001.
- MARQUES, José Oscar de Almeida. Voltaire e um episódio da história de Portugal. *Mediações*. Revista de Ciências Sociais, v.9, n.2, 2004, p.37-52.
- NASCIMENTO, Maria das Graças do. *Voltaire: A razão militante*. Moderna, 1993.
- SOUZA, Maria das Graças de. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.
- STAROBINSKI, Jean. O fuzil de dois tiros de Voltaire. In: _____. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- VOLTAIRE. François-Marie Arouet. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).

⁵⁷ Ibidem, p.67.

⁵⁸ Como indicou Jacques Le Goff, por exemplo.

⁵⁹ Apud CAIRE-JABINET, Marie-Paule. p.82.

⁶⁰ BOURDE & MARTIN, op. cit., p.72-3.